

# A SOCIOLINGÜÍSTICA/PRAGMÁTICA: EM DUAS ESCOLAS DE COMUNIDADE DE ETNIA ITALIANA

Clarice Nadir von Borstel\*

---

**Resumo:** O presente texto insere-se em um projeto de pesquisa sobre a comunidade de fala italiana de Palotina. Este tem como propósito apresentar estudos descritivos e prescritivos sobre a heterogeneidade lingüística entre os jovens, em duas escolas da área urbana desta cidade multilíngüe do oeste do Paraná. Este artigo mostra a importância e o respeito que se deve ter com os aspectos societal, multicultural, sobre o bilingüismo funcional e a prática pedagógica de ensino bilíngüe para grupos de minorias lingüísticas.

**Abstract:** The present text is insert in a search project about a Italian spoken community from Palotina. It has as a purpose introduce descriptive and prescriptive studies about the linguistical heterogeneity among the youth on two schools from the urban area of this multilingual town by the East side from Paraná. This article introduces the importance and the respect that must be given to the societal and multilingual aspects on the pedagogical practice of the bilingual teaching on minority linguistical groups.

**Palavras-chave:** minorias étnicas; aspectos societal e cultural; contextos bilíngües de imigrantes italianos.

**Keywords:** ethnical minorities; cultural and societal aspects; iltalian bilingual immigrants context.

---

## 1. Introdução

A forma como o ser humano se relaciona com os seus pares determina sua existência cultural e societal. Mas, ainda, há muitas dificuldades na relação educação e cultura das minorias étnicas nas práticas pedagógicas. Por isso, as concepções pedagógicas contem-

---

\* Universidade do Oeste do Paraná campus de Marechal Cândido Rondon

porâneas não podem se esquivar de uma reflexão sobre a questão da cultura, principalmente de fatores multiculturais e multilíngües das comunidades de imigrantes seus descendentes.

As colocações, neste momento, inserem-se nos estudos sobre a comunidade de fala italiana de Palotina, Paraná, em que a educação deve ter por meta essencial, reforçar em cada indivíduo o ser social, o membro de uma coletividade bem definida no tempo e no espaço, caracterizada por orientações culturais específicas, pois nesta comunidade de fala caracteriza-se a coexistência de culturas distintas. Isso se deu pelo fluxo migratório de várias localidades da região sul do Brasil, permitindo o desenvolvimento de fenômenos lingüísticos diferentes que caracterizam uma divergência lingüística, por meio do qual um grupo de falantes se distingue dos demais, apresentando características próprias de falar regional.

Neste sentido, desenvolveu-se nesta comunidade de fala a investigação do grau de estabilidade ou de mudança do falar italiano, descrevendo o seu comportamento preditivo entre os jovens de 07 (sete) a 17 (dezesete) anos em duas escolas, uma da rede pública e a outra particular. Aplicou-se um roteiro de entrevistas para estes informantes, para poder analisar o desempenho lingüístico do falar italiano: entender, falar, falar o italiano com muita mistura do português, ler e escrever, considerando o bilingüismo dos pais separadamente: primeiro o pai e, logo após a mãe. Depois da informação de que o entrevistado falava o italiano, havia uma interação comunicativa gravada entre as entrevistadoras e o informante para constatar se dominava a habilidade de uso da língua italiana.

Para desenvolver este estudo, neste artigo, tecendo-se alguns comentários acerca da relação entre os aspectos societal, cultural, multiculturalismo, bilingüismo funcional e a prática pedagógica para um ensino bilíngüe sobre as minorias lingüísticas.

## 2. O societal e o cultural na linguagem de minorias étnicas

A questão da diversidade lingüística e as implicações das diferenças culturais na linguagem têm, hoje, sem dúvida, uma tarefa que só pode ser abordada de maneira indireta e fragmentária se os educadores não tiverem uma relação crítica de educação e cultura, ou seja, que o termo educação tenha um sentido amplo de formação e socialização do indivíduo, que não se restrinja unicamente ao domínio escolar, e, sim, reconhecer que se toda educação é sempre educação de alguém para alguém, ela supõe sempre, necessariamente, a comunicação, a transmissão de valores culturais e ideológicos, a aquisição de conhecimentos, competências, crenças, hábitos, que constituem ou que se constituem em uma educação crítica. Este todo, que se transmite na educação, é sempre alguma coisa que nos precede, nos ultrapassa e nos institui enquanto sujeitos ideológicos de uma identidade cultural. Sobre o termo cultura

há várias acepções e denominações, mas neste estudo, aborda-se a acepção de cultura descritiva e objetiva, desenvolvidas pelas ciências sociais contemporâneas em que o termo cultura é considerado como um conjunto de traços característicos do modo de vida de uma comunidade ou de um grupo (FORQUIN, 1993, p. 11) lingüístico, aí compreendido como fatores que podem ser considerados como os mais cotidianos, os mais triviais ou os mais internalizados no processo cognitivo e sociopsicológico do usuário, caracterizando suas próprias idiossincrasias lingüísticas.

As implicações educativas do pluralismo cultural devem ser levadas em conta com relação aos fatores “inter-societal” e “intra-societal” em uma determinada comunidade de fala (Ibidem, p. 124).

Parece, pois, pertinente, antes de procurar articular, aqui, qualquer reflexão sobre cultura, explicitar o termo societal. Para Mey (2001, p. 27-28), a formação societal é um suporte de macrocondições (econômicas, políticas, ambientais, culturais, educacionais, entre outras), é aquilo que nós, como seres humanos ativos e perceptivos, podemos promover, através de certas condições temporais e espaciais, e no interior destas, há o meio ambiente, a cultura, a história e os conhecimentos que nos cercam. Ou segundo o autor, a formação societal é um espaço social dentro de um determinado grupo e, ou comunidade.

Por isso é necessário tecer comentários sobre o termo cultura. Nas colocações de Eliot (1972), é o modo de viver e falar de uma determinada comunidade, manifestando-se na língua, nas artes, no sistema social, nos hábitos e costumes, religião e festas.

Para Eliot (1965 em BOSI, 1992, p. 30), a cultura que se desenvolveu no Brasil, tornou-se surpreendentemente semelhante e diferente da cultura original dos imigrantes vindos para cá. Dessa forma, surgiram tipos especiais *de cultura/simpatia* e *cultura/conflicto* entre as áreas habitadas pela colonização e os países da Europa de onde vieram os imigrantes que aqui se fixaram.

Ou como coloca Lopez (1988, p. 16), quando se aceitou a diversidade da formação étnica no Brasil, também, passou-se a aceitar as diversas manifestações culturais em conexão com a diferente prevalência de diferentes raças em várias regiões do país.

Mas, para Certeau (2001, p. 9),

para que haja cultura, não basta ser autor de práticas sociais é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza, uma vez que cultura não consiste em receber, mas em realizar o ato pelo qual cada um marca aquilo que outros lhe dão para viver e pensar.

Quando se fala sobre cultura de um grupo e suas práticas sociais no ato de

preservar, conservar e, ou até resgatar as suas origens étnicas, através da língua e da cultura materna, há necessidade de referenciar o termo identidade. Para Sarup (1996, p. 47),

a identidade é contraditória e fragmentada. A identidade no pensamento pós-moderno não é uma coisa; o eu é necessariamente incompleto, inacabado - é o 'sujeito em processo'. (...) a identidade é construída *na* e *através* da linguagem. (...) Devemos lembrar que só se pode conceber a identidade *na* e *através* da diferença.

Em comunidades de minorias étnicas, a língua é, sem dúvida alguma, um fator decisivo na determinação da identidade étnica de um indivíduo. Não a linguagem como um todo, mas alguns traços fonológicos que caracterizam a marca lingüística naquele indivíduo que fala a língua materna e faz uso destes traços lingüísticos na interação comunicativa com os outros.

Mey (1998, p. 74) cita Durango (1993), sobre a definição de identidade étnica, cita que "o sentimento de pertencer a um grupo étnico, vem a ser a identificação étnica gerada por um sistema específico de produção cultural, cimentada por uma língua comum entre os membros de um grupo". Isso quer dizer, que um sotaque ou traços fonológicos diferentes, sempre será marcado, notado e comentado e, principalmente em ocasiões especiais e formais quando se dá a interação comunicativa com outrem, é que o falar diferente será usado contra o falante, como ocorre nas comunidades multilíngües do extremo oeste do Paraná (BORSTEL, 1999; BORSTEL e DOTTO, 2001).

No Brasil, há uma diversidade de variações do português e estas variações não são iguais. Por isso quando se discute o "português" como uma língua monolíngüe e abstrata, deve-se considerar as suas inúmeras manifestações lingüísticas regionais e multilíngües como variações dialetais, pois é isso que ocorre, e, não uma falsa noção de uma "língua comum" no país.

Para Mey (1998), o contexto que torna a língua possível, é também o contexto que permite ao indivíduo ser ele mesmo, e usar sua língua de acordo com as suas intenções e percepções pessoais. O usuário quer que a língua seja, ao mesmo tempo, a expressão de valores independentes, e uma expressão individual a pessoas do seu grupo. Ou seja, segundo o autor,

uma visão descontextualizada da língua determina em ideal abstrato, tal como o de uma 'língua comum' a qual todos devem se ajustar. Tenta-se reconciliar o paradoxo da língua como individual, que é ao mesmo tempo social, através da descontextualização da própria noção de língua, e de como se manifesta na fala. A pronúncia 'boa' á a língua 'padrão' (p.80-81).

Porém, na visão sociolingüística/pragmática todas as línguas são suficiente-

mente ‘boas’ e servem aos propósitos comunicativos dos seus usuários. É neste sentido que o conceito de etnia como identidade se manifesta e se sustenta e é através da língua que faz sentido a sua identidade étnica.

A etnia e a língua formam um elo muito forte com base na origem de sua nacionalidade e sua identidade (histórica e lingüística) perpetuando por várias gerações a língua de sua origem étnica. Para que as identidades étnicas sejam preservadas (inclusive as denominadas “línguas erradas e, ou estigmatizadas”) pelos outros membros da sociedade, é imperativo que as bases de tal preservação e conservação sejam resgatadas, isto é, a figura do imigrante e seus descendentes devem fazer parte do mergulho na história que caracteriza o cenário cultural do país para uma abertura democrática e dar voz a grupos até então discriminados e estigmatizados pela sociedade.

A língua no seu aspecto societal e cultural, é o elemento indispensável para a comunicação e a interação dos indivíduos dentro de seu grupo.

Neste sentido, o multiculturalismo não existe somente entre as nações, mas se encontra, também, no interior das nações ou nas comunidades que a compõem, como pode ser visto no Brasil. Segundo Forquin (1993, p. 137) “multiculturalismo, possui ao mesmo tempo, um sentido descritivo e um sentido normativo, ou seja, a situação de um país no qual coexistem grupos de origens étnicas diferentes, falando línguas diferentes (...) não compartilham com os mesmos valores ou modos de vida” na sociedade em que estão inseridos.

Em estudos sobre multiculturalismo em nosso país, Cavalcanti (1999, p. 389-393) referencia contextos de minorias lingüísticas, sobre os povos indígenas (o universo indígena no país hoje é pequeno, mas os seus aspectos socioculturais, sociolingüísticos e sociohistóricos são muito ricos para estudos sobre educação e cultura); sobre as comunidades de imigrantes (italianos, alemães, poloneses, russos, austríacos, turcos, árabes, japoneses, entre outras); as comunidades de fronteiras (hispano-brasileiras: Uruguai, Argentina, Paraguai, Bolívia, entre outras); os grupos africanos na Bahia e as comunidades com bases rurais.

Com base nos pressupostos da lingüística, a língua é a ferramenta para a comunicação de suas experiências culturais e sociais em interações comunicativas, e todo indivíduo tem direito lingüístico ao uso de sua própria língua materna, sua pronúncia, mesmo que os sotaques locais e, ou regionais carreguem uma conotação desprestigiada para a vida pública. Neste sentido, Mey (2001), diz que a língua de um usuário, são as vozes da sociedade, e se seu grupo é poderoso, então sua voz tem prestígio, do contrário, a língua é desprestigiada perante a sociedade. Para o autor, o que está em jogo neste processo é o poder societal em que as minorias podem interferir nos privilégios da maioria, privilégios dos quais desfrutam livremente e sem impedimento para dividirem com as minorias étnicas, porque estas

têm a cor, a religião ou a língua errada na sociedade em que estão vinculados, mas por outro lado, em uma comunidade multicultural não se justifica privar os indivíduos de benefícios intelectuais e societal que podem propiciar a ampliação dos conhecimentos e o acesso a uma pluralidade de referências culturais.

Em contextos de comunidades multiculturais a escola não pode ignorar os aspectos contextuais da cultura das minorias lingüísticas e, muito menos, privar dos conhecimentos intelectuais e sociais que possam propiciar a ampliação dos conhecimentos e o acesso a uma pluralidade de sistemas de referências e de valores.

### 3. Contexto societal e multicultural dos falantes italianos da comunidade de Palotina

Há mais de dez anos estão sendo feitas pesquisas sobre questões relativas ao bilingüismo funcional e as transferências lingüísticas da língua materna de minorias étnicas para o português. Nesta pesquisa, houve o apoio de Vera Lúcia Alonso Dotto, bolsista de Iniciação Científica. Ao abordar estudos sobre línguas em contato em situações funcionais em comunidades multiculturais, analisaram-se dois enfoques. Primeiro descreveu-se a situação de contato que se deu entre os membros dos grupos étnicos: italiano e brasileiro com relação aos aspectos sócio-históricos e culturais. Em um segundo momento, a descrição e transcrição do falar dos jovens em duas escolas, uma da rede pública e outra privada para se ter uma idéia geral da situação do *talian* na população juvenil na comunidade. A língua, no seu aspecto societal e, ou cultural, é o elemento indispensável para a comunicação e a interação dos indivíduos dentro do seu grupo. A partir de uma pesquisa empírica e de pressupostos teórico-metodológicos com base em estudos de línguas em contato, é possível olhar os dados da linguagem do ponto de vista da interação comunicativa e da sociolingüística/pragmática, assim como, analisar os fenômenos lingüísticos de línguas minoritárias, como no caso o falar italiano nesta comunidade de fala.

Nesta comunidade, a aquisição do falar italiano é espontânea e dirigida em um contexto de aculturação de imigrantes e descendentes de italianos (BORSTEL e DOTTO, 2001, p. 97-98). É importante assinalar que o contexto geopolítico da região sul apresenta uma situação bastante peculiar de coexistência de várias etnias com suas línguas e, ou dialetos correspondentes, convivendo com o português há mais de um século. A história registra a entrada de vários grupos de imigrantes, na maioria agricultores, provenientes das mais diferentes regiões do norte da Itália. Os vênets e trentinos vieram em maior número. Quanto à língua de uso, o dialeto vênets era o mais falado

entre os imigrantes e, logicamente, se impôs como a língua de maior prestígio no Brasil. Desse modo, o processo de aculturação lingüística deu origem ao *talian*, ou seja, a mescla dos diversos dialetos italianos trazidos pelos imigrantes e a língua portuguesa. Com o passar do tempo evoluiu para um tipo de falar praticamente homogêneo, no sul do Brasil (CONFORTIN, 1998). Através da observação participante e um roteiro de pesquisa, constatou-se que o *talian* é ainda preservado nesta comunidade, pelas gerações mais velhas, enquanto os mais jovens quase não o utilizam, mas entendem o falar dos avós e pais e trazem em suas variantes lingüísticas marcas fortes do falar materno, misturando os dois códigos lingüísticos. Por isso, desenvolveu-se um estudo descritivo, explicativo e interpretativo sobre o *talian* quanto ao nível de bilingüismo na faixa etária entre 07 (sete) a 17 (dezesete) anos, ou seja, procurou-se constatar a interação comunicativa no falar italiano entre a população jovem.

#### 4. Pesquisa sociolingüística e etnográfica

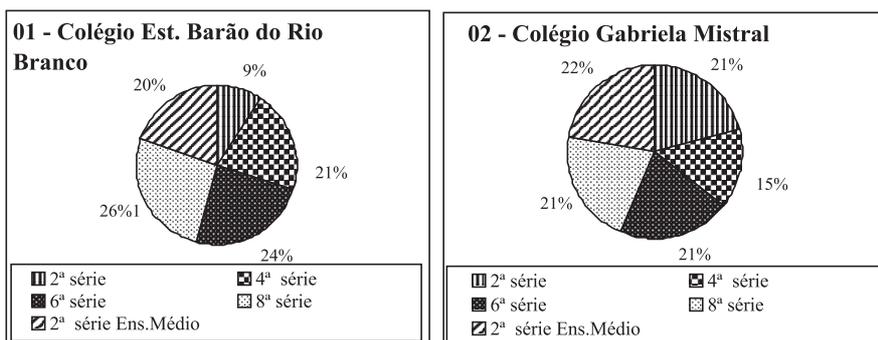
A opção metodológica, seguida nesta pesquisa, tem caráter empírico, ou seja, fez-se um diagnóstico da vivência real de indivíduos organizados nesta comunidade de fala. Teve como base, o modelo de análise, proposto por Labov (1986), que aborda a relação língua/sociedade, no aspecto virtual e real de sistematizar a variante lingüística, existente em uma determinada comunidade de fala. Desenvolveu-se uma pesquisa etnográfica, na área da sociolingüística, em que duas técnicas são básicas para a coleta de dados: a observação participante que tem raízes no trabalho de Gumperz (1964), que a utilizou para obter amostras gravadas de interação de grupos; e um roteiro de entrevistas com base em Labov (1986), pois foi ele quem combinou estas duas técnicas de trabalho nos estudos sobre a variação e mudança. Deve-se unir as vantagens da observação participante com um roteiro de entrevistas de levantamento de dados, porque o pesquisador pode entrar na vida da comunidade e observar os processos de interação lingüística diretamente, a fim de obter impressões sobre as condições de vida dos membros da comunidade de fala. Esses estudos contribuíram para explicar a complexa relação existente entre fatores sociolingüísticos/pragmáticos e o bilingüismo em situações multidialetais e, ou variacionais. Para o entendimento do próprio fato bilíngüe, o pesquisador deverá ter conhecimento do contexto sócio-cultural em que acontece. Por isso, é necessário levantar dados históricos e sociolingüísticos, assim como, elaborar um roteiro de entrevistas de levantamento de dados. A partir deste método, é possível correlacionar fatos lingüísticos e sócio-culturais e obter, um quadro mais nítido da diferenciação dialetal e, ou variacional. Por isto, nesta pesquisa, utilizou-se da sociolingüística quantitativa, com base nos estudos de Labov, bem como, da

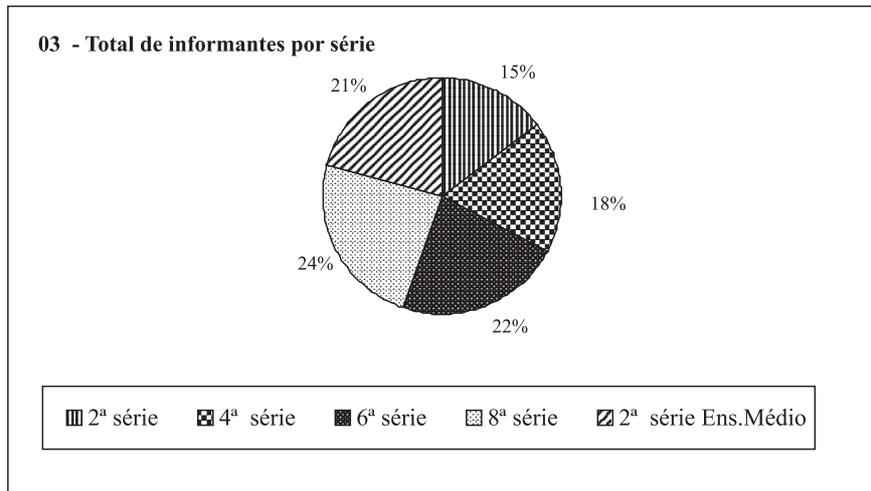
sociolinguística interpretativa de Gumperz (1982), que enfatizou o caráter negociativo da interação, em relação aos papéis desenvolvidos pelos participantes durante a interação comunicativa. Este enfoque engloba, na sua análise, as diferenças no estilo comunicativo e o conhecimento subjacente que caracteriza comunidades culturalmente diversas. Neste sentido, desenvolveu-se um estudo descritivo sobre o *talian* quanto ao nível de bilingüismo na faixa etária entre 07 (sete) a 17 (dezessete) anos em duas escolas da área urbana em novembro de 2000, para alunos de 2ª, 4ª, 6ª e 8ª séries do Ensino Fundamental e alunos do 2º ano do Ensino Médio, sendo uma escola da rede estadual e outra particular. A amostragem constou de um total de 297 alunos.

### 5. Resultados e discussão sobre o falar italiano entre os jovens

Dos 297 informantes entrevistados, 153 eram do Colégio Estadual Barão do Rio Branco e, 144 do Colégio Gabriela Mistral, observando-se a proporção do total de informantes por séries, conforme as figuras: 01, 02, e 03. Pode ser observado na figura 03, o percentual total dos informantes por séries: nas 2ªs séries entrevistaram-se 15%, nas 4ªs 18%, nas 6ªs 22%, nas 8ªs 24% e na 2ª série do Ensino Médio 21%, dos alunos entrevistados nestas duas escolas de Ensino Fundamental e Médio da comunidade de fala de Palotina. Dos 297 alunos entrevistados com um roteiro de entrevista, somente 119 informantes responderam que falavam a língua materna, misturando os dois códigos lingüísticos (italiano/português), mas deste somente 116 informantes participaram da interação comunicativa com as entrevistadoras.

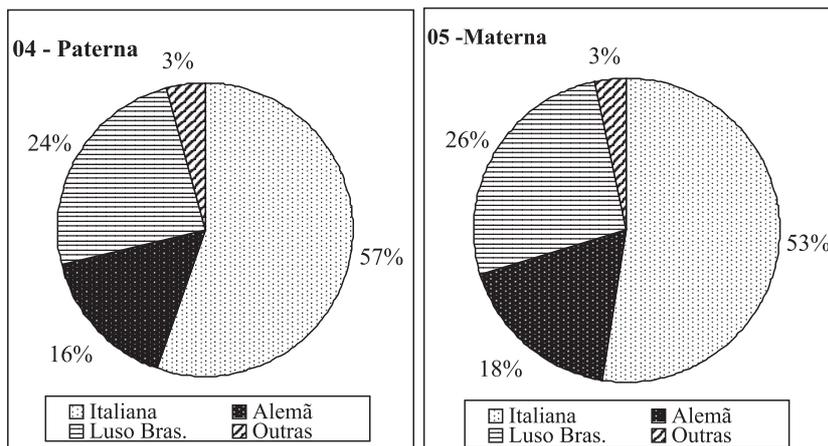
Figuras 01, 02 e 03: Número de informantes por série

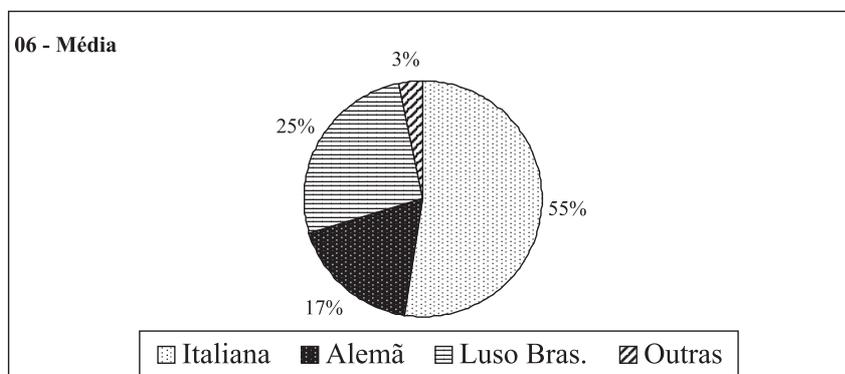




De acordo com as figuras 04, 05 e 06, pode-se observar uma predominância significativa da ascendência étnica dos informantes, tanto paterna quanto materna, perfazendo um total de 55% de informantes de descendência italiana. Também foi verificado se os informantes são de ascendência italiana apenas por parte de pai ou de mãe, ou se ambos os pais têm sobrenome italiano. Acredita-se que estes dados são importantes para definir a rede básica de transmissão do *talian* dentro da rede familiar restrita.

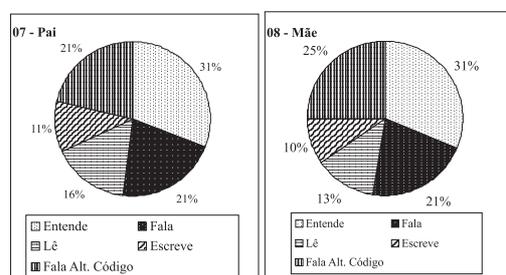
Figuras 04, 05 e 06: Ascendência





Para poder avaliar os fatores referentes às funções do uso situacional do falar italiano, assim como, à análise do grau de bilingüismo (MACKKEY, 1968), em roteiros de entrevistas, considerou-se a frequência de uso (quase sempre, às vezes e nunca) nas diversas situações comunicativas, no meio societal do usuário. Para analisar o desempenho lingüístico do falar italiano: entender, falar, falar o italiano com muita mistura do português, ler e escrever, considerando o bilingüismo dos pais separadamente: primeiro o pai e depois a mãe. Também, pode-se observar nas Figuras 07 e 08, que aproximadamente, há o mesmo índice para o desempenho lingüístico dos pais e das mães sobre o entender e falar italiano, porém nas habilidades de ler e escrever, apesar de serem bem reduzidas os pais têm um melhor desempenho lingüístico. Existe, também, um percentual significativo do sexo masculino em relação ao sexo feminino dos pais sobre o uso da alternância de código português/italiano, recaindo em um índice maior para as mães. Nas entrevistas com os pais, os informantes do sexo masculino disseram que todos os sábados, na Linha Salete, encontravam-se com um grupo de amigos para jogar bocha, e, em suas interações comunicativas usavam somente o dialeto materno (o *talian*), justificando porque o sexo masculino tem um domínio melhor da língua materna nesta comunidade. Com base na pesquisa pode-se concluir, a priori, que o falar em Palotina apresenta transferência lingüística da língua materna para o português.

Figuras 07 e 08: Desempenho lingüístico dos pais do falar italiano



Para entender a questão da diversidade lingüística numa perspectiva regional e situacional, é necessário compreendê-la como reflexo da experiência histórica, cultural, psicológica e societal de determinados grupos de falantes. Em 1942, durante a Segunda Guerra Mundial, o governo brasileiro promoveu intensa campanha contra as línguas de estrangeiros, ocasionando prejuízo irreparável para as comunidades de minorias étnicas no Brasil. Para compreender o porquê do declínio dos dialetos e das línguas trazidas pelos imigrantes, é preciso levar em conta a ausência de uma política oficial e educacional para preservar a língua e os valores culturais dos imigrantes e seus descendentes como um todo. Os fatores de cunho ideológico e, ou psicológicos podem ser enumerados, sobretudo, quando as famílias da área rural (da colônia segundo os informantes) vieram morar e se relacionaram com maior intensidade com a comunidade da área urbana. Nas colocações dos informantes, observou-se, muitas vezes, que: (1) as pessoas parecem demonstrar vergonha, ao usar o dialeto materno, considerando uma língua de *status* inferior ao português e acabam, por isso, deixando de praticá-lo; (2) os pais deixaram de ensinar e motivar as crianças a falar a língua materna, e, acreditam que não é bom para a criança misturar dois códigos lingüísticos diferentes, podendo resultar em problemas psicológicos e lingüísticos ao ingressar na escola.

É preciso frisar que a política educacional não levou em conta à pluralidade lingüística e cultural das comunidades de imigrantes e seus descendentes, contribuindo dessa forma, para a descaracterização progressiva da identidade cultural. As iniciativas surgem espontaneamente através de grupos organizados no intuito de preservar e resgatar as tradições culturais. Ainda há uma preocupação muito forte em tentar resgatar os sentimentos de etnicidade e a tradição cultural nesta comunidade. Esse sentimento foi reforçado, recentemente, por intermédio do surgimento da multimídia, como a linguagem verbal oral (emissoras de rádio locais) e as formas de linguagem visual (televisão e cinema), que fizeram grande sucesso entre os imigrantes italianos e seus descendentes, valorizando a cultura e a sua língua. A aquisição espontânea do falar italiano ainda ocorre em algumas famílias, mas é um fenômeno cada vez mais raro.

A partir das entrevistas, caracterizou-se entre os jovens, na comunidade, o fenômeno de uso lingüístico: mistura de línguas. A mistura de língua constatada na população infantil é decorrente do *input*, adquirido pela vivência junto a falantes bilíngües adultos. Segundo Genesse (1989; em HOFFMANN, 1991, p. 107), a mistura de línguas para a criança bilíngüe vem a ser um modo de incluir palavras simples quando se fala as duas línguas em um diálogo com um doador cuidadoso. Sobre os estudos de mistura de línguas Hoffmann (1991) e Borstel (1999, p. 69-70), observaram que assim como as línguas se desenvolvem na criança, seu léxico torna-se mais extenso, e suas outras fontes lingüísticas alcançam um grau de sofisticação mais elevado e, portanto, há pelo menos o uso de mistura de língua no seu falar bilíngüe. Porém, a diminuição do uso da língua materna pode ocorrer pelo fato do falante bilíngüe jovem

crescer com um conhecimento de normas sociolingüísticas locais e, ou regionais, tendo assim, maior susceptibilidade para o indício lingüístico em seu ambiente familiar e social, e estando familiarizado com duas culturas e línguas diferentes. O fenômeno de mistura de línguas pode envolver a inserção de um simples elemento, ou de um item parcial, ou frase inteira, de uma língua para o modo de falar de outra, podendo ser de um tipo fonológico (no modelo de palavra criada por empréstimo), morfológico, sintático, léxico, semântico, frasal ou pragmático na interação comunicativa de dois códigos lingüísticos. Constatou-se nas entrevistas com os jovens palotinenses na interação verbal entre entrevistadoras e entrevistados o fenômeno lingüístico: mistura de línguas. Transcrever-se-ão algumas falas: a fala de um informante de oito anos de idade: “... *no sítio eu ajudo meu pai a tratar os animais e o meu **cavalin manhar**... come um bocado de capim...*”; informante de onze anos de idade: “...*é assim...parecido como um **fusoi**...é como **fusoi**...*”; informante de oito anos: “*Eu e meu **bambino** gostamo de brinca com a **facheta**... a **mama chinga**...*”; informante de nove anos de idade: “*Me coça **el naso!***”, informante de doze anos: “*Durma **com tuti mundi la de chiel**...*”.

Nesta pesquisa não se pode deixar de referenciar a importância das canções e orações, pois os imigrantes italianos e seus descendentes são muito afeitos à música, pois trouxeram da terra natal um rico repertório de canções. Os informantes adultos relataram que os italianos quando vieram para o Brasil cantavam nas capelas, nas igrejas, nos bares, nas festas, nas rodas de amigos e em casa. Nas entrevistas, a avó tem um papel de destaque para as crianças com relação ao ensino das canções e orações, pois é ela quem canta e ensina as canções aos netos.

Após a investigação etnográfica, destes dados do *talian* entre os jovens desta comunidade, ficou caracterizado que há estratégias, motivações culturais e étnicas próprias das famílias italianas ao incentivar e tentar resgatar a língua, entre outros valores culturais desses imigrantes e descendentes italianos vindos para Palotina.

## 6. Considerações finais

Os estudos sociolingüísticos/pragmáticos sobre o uso de língua e não de sistema de língua, com base nos fatores societal e cultural sobre a interação lingüística da língua materna das minorias étnicas no Brasil e o português normativo, devem ser contemplados na prática de ensino aprendizagem de língua em sala de aula, nestas comunidades de minorias lingüísticas. Em suma, por um lado, deve-se respeitar e preservar o uso da língua materna dessas minorias como meio de manutenção da identidade étnica e do respeito próprio do indivíduo, mas, por outro lado, deve-se promover o ensino da língua da maioria da população

como é desenvolvida a prática pedagógica em estudos de educação multicultural crítica, ou seja, as crianças vão entender o processo cognitivo do sistema de uma segunda língua se adquirirem este processo primeiramente em sua língua materna.

Para McLaren (2000, p.70), “a questão central para uma educação crítica é desenvolver um currículo e uma pedagogia multicultural que se preocupem com a especificidade da diferença (...)” no processo escolar. O autor, também sugere que os educadores devem levantar a questão das diferenças culturais para que não se repita o “essencialismo monocultural” nas escolas.

Por isso, em contextos de comunidades multilíngües a escola não pode ignorar os aspectos contextuais da cultura dessas minorias lingüísticas e, muito menos, privar dos conhecimentos intelectuais e sociais que possam propiciar a ampliação desses conhecimentos e o acesso a uma pluralidade de sistemas de referências e de valores em que os indivíduos se defrontam com identidades sociais, marcadas pela cultura, instituição e história.

## Referências

- BORSTEL, C. N. von. *Contato lingüístico e variação em duas comunidades bilíngües do Paraná* Rio de Janeiro: UFRJ, (Tese de Doutorado), 1999.
- \_\_\_\_\_ e DOTTO, V. L. A. Estudo sócio-histórico e cultural da comunidade de fala italiana de Palotina. In: *Anais da 3ª JELL – Jornada de Estudos Lingüísticos e Literários – Língua, sociedade e identidade*, Cascavel: EDUNIOESTE, v.1, n° 3, p. 98-101, 2001.
- \_\_\_\_\_. Línguas em contato: o falar italiano/português entre os jovens de Palotina. In: *1ª Jornada Científica da Unioeste. 2001*. Cascavel: CD-EDUNIOESTE, 2001, CD, p. 1-4.
- BOSI, A. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CAVALCANTI, M.C. Estudos sobre educação bilíngües e escolarização em contextos de minorias lingüísticas no Brasil. In: *Revista DELTA*, v. 15, n° Especial, 1999.
- CERTEAU, M. de. *A cultura no plural*. (trad. Enid A. Dobranszky), 2.ed., Campinas, SP: Papyrus, 2001.
- CONFORTIN, H. *A faina lingüística.: estudo de comunidades bilíngüe italiano-português do Alto Uruguai Gaúcho*. Porto Alegre: Edições EST/URI-Campus de Erechim, 1998.
- ELIOT, T. S. *Notes towards. The definition of culture*. Londres: Faber and Faber, 1972.

- FORQUIN, J. C. *Escola e Cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- GUMPERZ, J. J. Hindi Punjabi code switching in Delhi. In: *Proceeding: International Congress of Linguistics*, 9: 137-152, 1964.
- GUMPERZ, J. J. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- HOFFMANN, C. *An introduction to bilingualism*. England: Longman, 1991.
- LABOV, W. Field Methods of the project on linguistic change and variation. In: BAUGH, J. & SHERZER, J. (eds.) *Language in use*. New York: Prentice-Hall, 1986, p. 28-53.
- LOPEZ, L. R. *Cultura Brasileira: das origens a 1808*. Porto Alegre: Ed. da URGs, 1988.
- MACKEY, W. F. The description of bilingualism. In: FISHMAN, J. A. (ed.) *Readings in the sociology of language*. Haia: Mouton, 1968, p. 554-84.
- MCLAREN, P. *Multiculturalismo crítico*. (Trad. Bebel O Schaefer). 3.ed., São Paulo: Cortez, 2000.
- MEY, J. L. Etnia, identidade e língua. In: SIGNORINI, I. (org). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.
- \_\_\_\_\_. *As vozes da sociedade: seminários de pragmática*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.
- SARUP, M. *Identity, Culture and the posmodern world*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1996.